



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10173 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

LINHAS COSTUMEIRAS E LINHAS DE ERRÂNCIA: QUANDO A NEGRITUDE DOS BEBÊS INVADE A CRECHE

Loani Cristina Buzo Pontes - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Natália Lopes dos Santos - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

LINHAS COSTUMEIRAS E LINHAS DE ERRÂNCIA: QUANDO A NEGRITUDE DOS BEBÊS INVADE A CRECHE

Resumo

Esse trabalho é parte do resultado de um projeto coletivo desenvolvido entre 2018 e 2020 e tem como objetivo discutir o currículo da educação infantil para bebês, a partir da identificação e do traçar das linhas costumeiras e das linhas de errâncias produzidas por bebês nos espaços da creche e nos lares de famílias negras. Para isso, mobilizaremos aqui as ideias de Currículo-como-plano e de currículo vivido desenvolvidas por Aoki (1993) e as ideias de Deligny (2015) sobre como a cartografia pode revelar as linhas que constituem modos de vida singulares. A metodologia adotada nessa pesquisa é a observação participante, o diário de campo, captura de fotos e produção de cartografias para a identificação das linhas que compõem o currículo pensado (currículo-como-plano) e o currículo vivido pelos bebês no ambiente da creche e no ambiente familiar. A partir disso, apontamos para a necessidade e importância de não nos prendermos aos planos e à rotina e nos abriremos para o resto. Para tudo o que emerge, quando permitimos o movimento dos bebês e nos abrimos para o novo que eles nos oferecem.

Palavras-chave: Bebês; Creche; Raça; Cartografia; Fernand Deligny

Pretendemos nesse trabalho, discutir cenas do cotidiano da educação infantil, a partir de um olhar atento para a ação de bebês. Para isso, propomos uma aproximação entre os debates da pedagogia da infância, dos estudos de bebês, da educação para as relações étnico-raciais, com ideias e estratégias desenvolvidas por Fernand Deligny (2015), a partir do trabalho desenvolvido por ele com crianças autistas e mutistas com as quais convivia em Cevennes na França.

De acordo com Frant,

Essas crianças, rejeitadas tanto por instituições manicomiais quanto por suas famílias, passam a residir e a viver livremente em um empreendimento concebido por ele não como um projeto, mas como uma *tentativa*. A tentativa, segundo Deligny compreendia um fenômeno singular, mais próximo a uma obra de arte do que de qualquer outra coisa.

(FRANT, 2018, p. 46)

A partir da observação dos deslocamentos livres das crianças em Cevennes, Deligny identificou duas linhas de naturezas distintas que potencialmente caracterizavam as ações dela em torno da convivência em Cevnnes.

Chamou de “linhas costumeiras”, aquelas que percorrem os trajetos cotidianos, normalmente traçadas pelos adultos que acompanham as crianças no seu dia a dia, ao executar as tarefas diárias como pegar lenha, lavar a louça, fazer o pão... e designou como “linhas de errância” aquelas onde é possível perceber um desvio no trajeto costumeiro, onde por algum motivo não aparente, as crianças escapam do caminho costumeiro e vagam, se balançam, batem palmas, cantarolam... Os mapas são então traçados com materiais diferentes, giz de cera colorido para as linhas costumeiras e nanquim para as linhas de errância. É justamente por rejeitar a ideia de um projeto pré-concebido, e por inexistir a noção de trajeto para essas crianças, que Deligny concebe as linhas por elas traçadas como linhas de errância a partir das noções de errar e vagar (FRANT, 2018, p.49).

De acordo com van Heerden (2017, p. 11 - livre tradução), a cartografia é uma forma de saber e uma forma de poder. Mas Deligny, em seu trabalho em Cevennes, faz o oposto, realizando uma igual distribuição de poder entre si mesmo, seus colegas e as crianças autistas. E é um movimento similar que tentamos realizar em nossas pesquisas e cartografias de bebês.

A discussão sobre a ação dos bebês na Educação Infantil considera que o currículo vivido no cotidiano configura-se a partir da nossa relação com o inesperado e com a criatividade e se expande para muito além do previsto nos planejamentos burocráticos e nas rotinas estabelecidas para a semana, o mês ou o ano - isto é, no currículo pensado.

Neste trabalho, traçaremos um paralelo entre currículo pensado como linhas costumeiras da educação infantil para promover a produção dos indivíduos, e o currículo vivido por bebês, destacando experiências vividas por bebês negros e negras nos espaços da creche e no ambiente doméstico como um caminho possível para ressaltamos onde podem emergir as linhas de errância nos espaços de educação coletiva.

Nesse sentido, entendemos que tanto no cotidiano da creche como no cotidiano do universo familiar, existem linhas costumeiras e um currículo pensado pelos adultos que visam a produção de modos de existências e a produção dos indivíduos. Com relação às identidades étnicas, observamos que as linhas costumeiras imbricadas no espaço domiciliar de famílias negras, buscam incluir na rotina doméstica elementos que contribuam para a construção de uma identidade racial autoafirmada. Já no ambiente da creche, as linhas costumeiras se refletem na organização dos espaços, na cultura visual presente na decoração e nos materiais lúdicos e pedagógicos evidenciando a valorização e a sobreposição da branquitude e no currículo pensado como plano para promover a educação dos bebês.

Assim como aponta Aníbal Quijano (2005;2010), a percepção de raça uma vez concebida historicamente como uma categoria mental que fundamenta, estrutura e hierarquiza as relações sociais, conhecimentos e saberes a partir de uma perspectiva eurocentrada, projeta na creche a organização de espaços culturalmente embranquecidos, intervindo no processo de construção das identidades negras.

Rosa, Moreira & Duque (2020, p. 99584), destacam que, atualmente, as instituições de educação têm produzido práticas educativas que favorecem a afirmação de identidades negras, mas as ações ainda são tímidas, contribuindo mais para a negação dessas mesmas identidades como também, com a desigualdades das políticas sociais entre negros, brancos e índios.

Entendemos a partir do desenvolvimento da pesquisa que, traçar as linhas costumeiras desenvolvidas tanto no ambiente da creche como no ambiente familiar viabiliza a percepção de práticas educativas e ações pedagógicas que visam o apagamento das singularidades e das diferenças presentes no ambiente da creche. Embora os/as profissionais que atuam direta ou indiretamente com bebês não tenham a intenção explícita de discriminar bebês negros e negras, é preciso considerar que o racismo permanece imbricado na organização das instituições sociais, e os espaços de educação infantil não estão imunes. O não reconhecimento da presença do racismo na organização dos espaços, propostas e projetos pedagógicos, dificulta a efetivação de políticas educacionais que visam recuperar as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira, como também valorizar o sentimento de pertencimento racial e o reconhecimento dos valores éticos, estéticos e culturais dos diferentes grupos humanos que compõem a nossa nação.

Acreditamos no potencial que a cartografia (ou o mapa de trajetos) possui de tornar visível micro-acontecimentos, conforme aponta Miguel (2015, p. 61). Micro-acontecimentos que fazem parte do cotidiano e que em geral, permanecem invisíveis aos nossos olhos, ignorados pelo olhar que busca sempre o macro. O exercício cartográfico lança luz para a necessidade e importância de refletirmos e repensar o currículo pensado e o currículo vivido por bebês dentro e fora da creche. Abre nossos olhos para o resto, para tudo o que emerge, quando nos permitimos impactarmos com a presença e com o movimento dos bebês.

O presente estudo também evidencia um movimento de captura dos bebês em situações em que as linhas de errância emergem. Ressaltamos ações desenvolvidas por educadoras que, na tentativa de manter os propósitos do currículo-como-plano pensado, capturam os bebês em meio a construção de suas linhas de errâncias interrompendo seus processos de experimentação

As imagens, mapas, cartografias e as narrativas, enquanto parte de um conjunto de registros de mapas, trajetos e tentativas cartográficas fazem uma inflexão que em certa medida causa esse “desconforto” entre nós profissionais da educação, uma vez que “falam” – a partir de linguagens outras - mais sobre como nossas práticas servem mais a um modelo de sociedade pré-disposto do que de fato sobre as ideologias pedagógicas das quais “acreditamos” ser atores.

Entretanto, ao tornar visíveis esses trajetos e as ideologias no currículo pensado, é possível perceber o quão nossas práticas mais conduzem os bebês a reprodução de práticas colonizadoras, do que de fato a processos criativos capazes de abrir espaço para a diferença e respeitar efetivamente modos de vida outros. Pretendemos com este trabalho destacar a presença dos bebês e suas potências como eixo central para elaborarmos o currículo nos espaços da creche a partir das experiências vividas por eles.

Dessa forma, não objetivamos aqui encontrar as respostas, mas sim produzir e tornar visíveis ainda mais as incertezas e controvérsias presentes nas redes produzidas por bebês, para bebês e com bebês em contextos de educação infantil. Como podemos, a partir das tentativas cartográficas pensar em uma pedagogia de justiça social e um currículo enquanto movimento com função de expressão, e expressão das intensidades e das identidades étnicas. Onde esta emerge como diferença e não somente como diversidade? Como podemos reconhecer e valorizar a ação dos bebês no cotidiano da educação infantil?

Essas são questões que deixamos em aberto para instigar o leitor ou a leitora e para que novas pesquisas, em breve busquem respondê-las. Mas algo é certo, a partir desse processo de cartografar os trajetos de bebês: Quando tiramos o foco do currículo-como-plano, e olhamos para o currículo vivido, o resto aparece! E o resto importa. O resto é a vida que emerge!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A; TEBET, G. G. de C. (2018). Educação Infantil: um balanço a partir do campo das diferenças. **Pro-Posições**, 28, 182-203.

ABRAMOWICZ, A; CRUZ, A. C., & MORUZZI, A. (2016). Alguns apontamentos: a quem interessa a Base Curricular Nacional? **Debates em Educação**, 8(16), 46-65.

AOKI T. T. 1993. “Legitimizing Lived Curriculum: Towards a Curricular Landscape of Multiplicity.” **Journal of Curriculum and Supervision** 8 (3): 255–68.

BARBOSA, M. C. Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Reimpressão 2012

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Fragmentos sobre a rotinização da infância**. Revista Educação e Realidade, v. 25, jan/jun 2000, p.93-113.

BRASIL. Resolução CEB/CNE nº 5 de 17/12/2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Publicado no DOU em 18 dez 2009

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: N-1 edições, 2015.

GRAY VAN HEERDEN, Chantelle. **The slightest gesture: Deligny, the ritornello and subjectivity in socially just pedagogical praxis**. Revista Education as Change, vol. 21, n. 2, 2017, p. 6-24

KOHAN, Walter Omar. A devolver (o tempo d) a infância à escola. In: *Infância e Pós-Estruturalismo*. Org. Anete Abramowicz e Gabriela Tebet. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

MIGUEL, Marlon. **Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guttarianas**. Revista Trágica; estudos de filosofia e imanência, vol. 8, no 1, 2015, p. 55-71.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Argentina: CLACSO, 2005. p. 227-278. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSA, A. S., MOREIRA, A. R., & DUQUE, L. d. (2020). **Identidade negra em bebês e crianças pequenas: as contruições do espaço da creche**. *Brazilian Journal of development*. v. 6, n.12., 99583 - 99595.